

Gabinete de Arte da Câmara dos Deputados apresenta



bléks biutiful

consciência negra - arte . cultura . espiritualidade

emanoel arújo | francisco galeno | mário cravo neto | miguel rio branco | rubem valentim

bléks biutiful

consciência negra - arte . cultura . espiritualidade

emanoel aráujo | francisco galeno | mário cravo neto | miguel rio branco | rubem valentim

O Gabinete da Presidência da Câmara dos Deputados integra o roteiro da visita institucional e está aberto ao público nos finais de semana e nos feriados, das 9 às 17 horas.

Desde 2003, o Gabinete da Presidência abriga exposições periódicas de consagrados artistas plásticos brasileiros e proporciona ao público a experiência enriquecedora de tomar contato com as mais variadas manifestações da cultura nacional no local de onde são emanadas importantes decisões para o país.

Temos plena convicção de que esta instituição parlamentar não é apenas a Casa das Leis, embora seja essa sua função precípua. Ao expor obras de arte de pintores convidados, ou do seu próprio acervo museológico, a Câmara dos Deputados também cumpre o preceito constitucional, assente no art. 216 de nossa Carta Magna, de permitir e fomentar o acesso dos cidadãos brasileiros aos bens culturais do Brasil.

HENRIQUE EDUARDO ALVES
Presidente da Câmara dos Deputados

“Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos que foram escravizados”

Makota Valdina

A Consciência Negra pode parecer um bordão repetitivo, mas vem, há muito tempo, em nossas sociedades contemporâneas, restabelecendo uma condição antiga do negro baseada no direito à dignidade e à honra do humano. No Brasil, independente de suas matrizes étnicas, o tom da fala na defesa dessas políticas raciais é consciente, tenaz e provoca uma aguda reflexão sobre a condição do negro no que diz respeito aos seus direitos sociais, a sua cultura artística e a sua espiritualidade, além de evocar a extrema necessidade de se regulamentar leis pela igualdade racial - fundamentais para um país se considerar civilizado.

O clamor por esse desejo de igualdade surge em múltiplas vozes declarando guerra contra o indesejado preconceito nos campos da política, da cultura e da espiritualidade. As tradicionais culturas de origem negra gradualmente obtêm reconhecimento. Chegadas da África para o Novo Mundo, essas culturas fortaleceram-se e, mesmo sob o jugo do colonizador, sobreviveram e brilham sob o sol devido à força do trabalho e da energia de descendências nobres, que fizeram prevalecer seus costumes, suas crenças e manifestações culturais e artísticas. Enfim, essas culturas muito contribuíram para a construção dessa nação mestiça com a qual nos identificamos e nos reconhecemos como diferentes perante o mundo.

As tradições afro-descendentes no Brasil são tão imprescindíveis para nos definirmos como brasileiros que se fossem apagadas, hipoteticamente, da nossa história, do nosso passado sócio cultural, pouco restaria para nos configurarmos como nação. No desejo de exaltar a importância da Semana da Consciência Negra, o Gabinete de Arte da Câmara dos Deputados, em parceria com o Museu Nacional do Conjunto Cultural da República, apresenta a exposição Consciência Negra – Arte, Cultura e Espiritualidade, com obras de Emanuel Araújo, Mário Cravo, Miguel Rio Branco e Rubem Valentim. A mostra apresenta artistas que exaltam as raízes da cultura visual afro-descendente. Esse conjunto de obras destaca-se pela beleza e harmonia de alto valor estético e traduz, em sua máxima expressão, a plástica brasileira contemporânea.

Wagner Barja

Francisco Galeno

Em 1965, Galeno desembarcou em Brasília para morar no acampamento da Civilsan, firma em que seu pai trabalhava. Resolveu pintar e passou a frequentar exposições nas galerias, a olhar revistas e a pesquisar em livros, arriscando as cores. Frequentou o ateliê-escola do pintor Moreira Azevedo, artista português. Fez curso-livre com Maria Pacca no Centro de Criatividade da Fundação Cultural do DF, sob a direção de Luís Áquila Mas, em busca do seu próprio caminho, diz: “Percebi que para encontrar um caminho próprio eu tinha que olhar para dentro de mim, eu tinha que recuperar a minha infância às margens do Rio Parnaíba. Então, comecei a trabalhar com os carretéis que a minha mãe usava, com os anzóis do meu pai, com os carrinhos de lata de sardinha que a gente fazia”.

A arte de Galeno está em sintonia direta com a tradição da arte construtivista brasileira de Alfredo Volpi e Rubem Valentim, uma tradição que trabalha com as formas geométricas, a síntese, a abstração, em detrimento das figuras. Mas não se trata de uma geometria cerebral e fria. Ele trabalha com a alegria de um curumim arteiro, propondo novos jogos para suas peças, brincando com as formas e com as cores.

Atualmente, passa temporadas entre Brazlândia-DF, cidade satélite de Brasília, e Parnaíba-PI, sua terra natal, onde também mantém um ateliê, e faz exposições.



Pacotão
Pintura, óleo sobre madeira | 200x150cm | 1986

Miguel Rio Branco

Miguel Rio Branco viveu a infância e adolescência entre Espanha, Portugal, Brasil, Suíça e Estados Unidos ao acompanhar os seus pais, diplomatas. Pintor autodidata, em 1964 expõe pela primeira vez numa galeria em Berna, Suíça, mas logo desloca o seu interesse para a fotografia e o cinema. Dirige filmes experimentais e trabalha como diretor de fotografia e cameraman para cineastas como Gilberto Loureiro e Júlio Bressane. Paralelamente, atua como fotógrafo documental. Entre 1978 a 1982 é correspondente da Agência Magnum, em Paris, e se destaca pelo uso de cores saturadas em seus trabalhos. Nos anos 1980, realiza instalações audiovisuais utilizando fotografia, pintura e cinema e expõe com frequência no Brasil e no exterior.

Conhecido por seu trabalho com a cor, explora em suas fotos os contrastes cromáticos, a diluição dos contornos, os jogos de espelhamentos e as diversas texturas, criando atmosferas por meio do uso da cor e da luz. A passagem do tempo, a violência, a sensualidade e a morte são temas constantes.



Hanging And The Shadow – Série Santa Rosa
Fotografia, cor | 40x40cm | 1994/1995



Smoking Mirrors – série Santa Rosa
Fotografia, cor | 40x40cm | 1993/1998

Mário Cravo Neto

Mário Cravo Neto recebeu as primeiras orientações no campo do desenho e da escultura de seu pai, Mário Cravo Júnior. Em 1968, muda-se para Nova York e estuda na Arts Students League, com orientação de Jack Krueger, um dos precursores da arte conceitual. Nesse período, realiza a série de fotografias em cores *On the Subway* e produz suas primeiras esculturas de acrílico. Retorna ao Brasil em 1970. Sofre um acidente automobilístico, em 1975, e interrompe sua atividade profissional por um ano. Dedicar-se à fotografia de estúdio, cria instalações e realiza trabalho fotográfico com temática relacionada ao candomblé e à religiosidade católica.

Trabalha com maior frequência a fotografia em preto-e-branco. Em suas obras, utiliza-se de baixas luzes, enquadramento fechado e foco crítico, que, dimensionando volumes e explorando as diferentes texturas, realça o objetivo primeiro de cada foto. A sensação tátil é outro aspecto interessante de seu trabalho, ressaltada pelos jogos de luz e sombra. Sua fotografia transita pelo imaginário religioso e místico, principalmente da religiosidade católica e do candomblé. Para Fernandes Júnior, há uma relação direta entre o trabalho de Cravo Neto e o do fotógrafo e etnógrafo Pierre Verger, principalmente ao abordar a possessão espiritual do corpo. Enfoca frequentemente fragmentos do corpo humano em seus trabalhos e, por vezes, os associa a objetos, como bolas ou pedras, ou a animais, o que confere à imagem um ar de estranhamento e, por vezes, um caráter ritualístico.



Sem título
Fotografia, preto e branco sobre papel | 97x97cm | 1997



Criança
Fotografia, preto e branco sobre papel | 97x97cm | 1997

Rubem Valentim

Rubem Valentim inicia seu trabalho de pintor na década de 40, como autodidata. Nessa época, participa do movimento de renovação das artes plásticas na Bahia, com Mario Cravo Júnior, Carlos Bastos e outros artistas. Em 1953 forma-se em jornalismo pela Universidade da Bahia e publica artigos sobre arte. Com o prêmio viagem ao exterior, obtido no Salão Nacional de Arte Moderna – SNAM, vai para Roma, de 1963 a 1966. Participa do Festival Mundial de Artes Negras em Dacar, Senegal. Volta ao Brasil e fixa residência em Brasília .

A partir da década de 1950, o artista tem como referência o universo religioso, principalmente aquele relacionado ao candomblé ou à umbanda, com suas ferramentas de culto, estruturas dos altares e símbolos dos deuses. Esses signos ou emblemas são originalmente geométricos. Em sua obra, eles são reorganizados por uma geometria ainda mais rigorosa, formada por linhas horizontais e verticais, triângulos, círculos e quadrados. Além da pintura, no final da década de 1960 passa a realizar murais, relevos e esculturas monumentais em madeira, mantendo-se sempre constante em sua poética.



Sem título – 5/140
Serigrafia sobre papel | 100x70cm | 1989



Sem título - 22/120
Serigrafia sobre papel | 100x70cm | 1989



Sem título - 8/130
Serigrafia sobre papel | 100x70cm | 1989



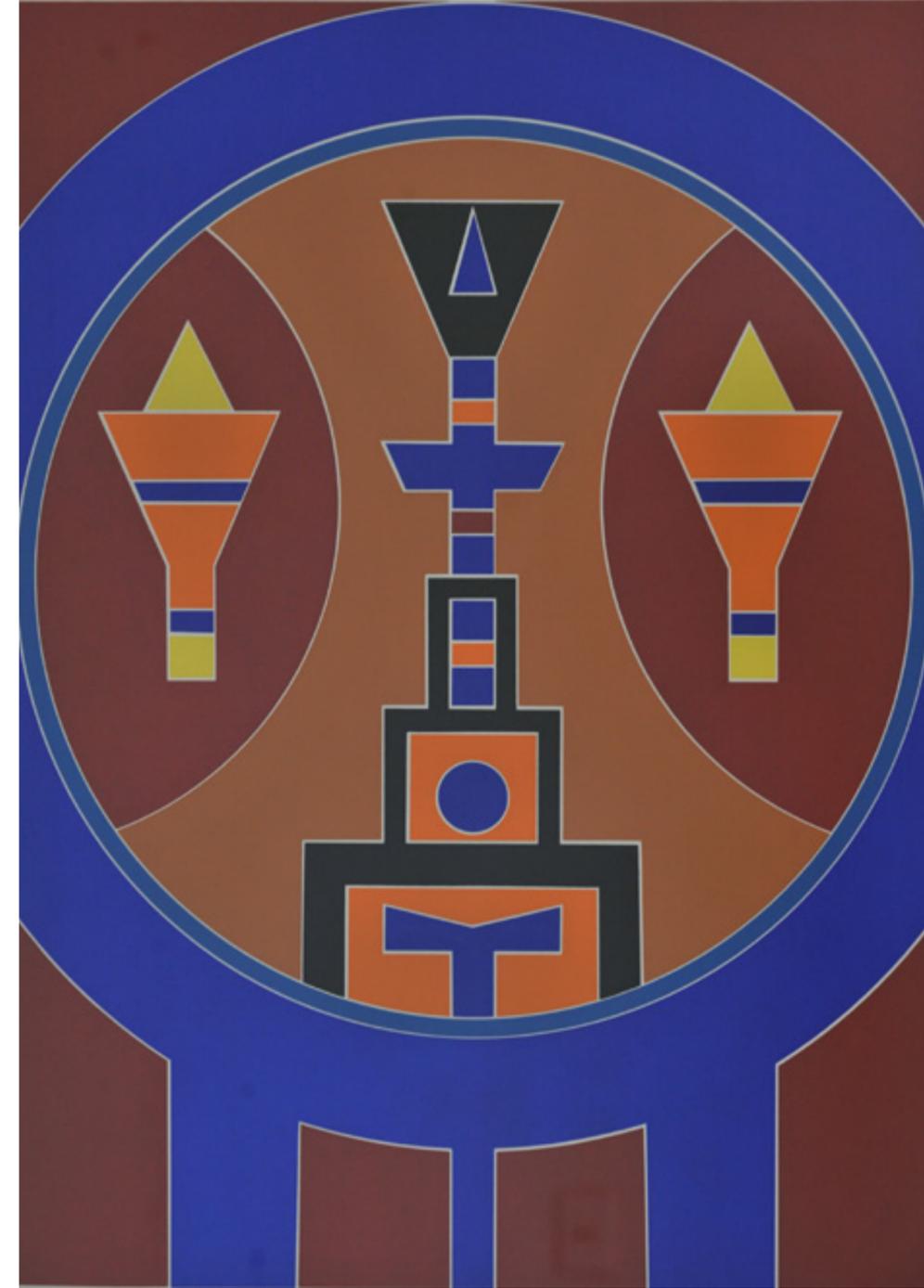
Sem título - 43/150
Serigrafia sobre papel - 100x70cm - 1989



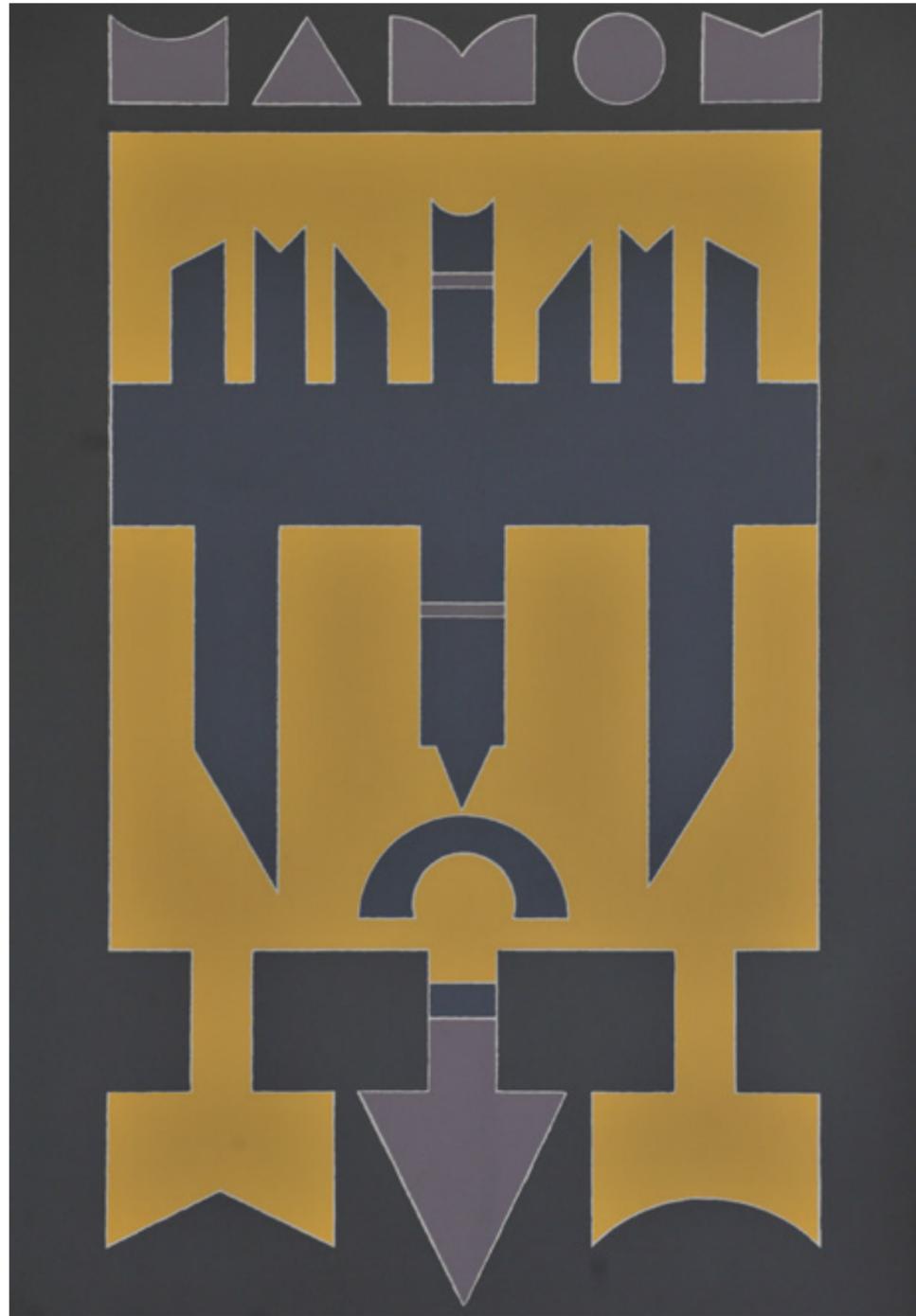
Sem título – 22/150
Serigrafia sobre papel | 70x100cm | 1989



Sem título - 9/120
Serigrafia sobre papel - 100x70cm - 1989



Sem título - 3/130
Serigrafia sobre papel - 100x70cm - 1989



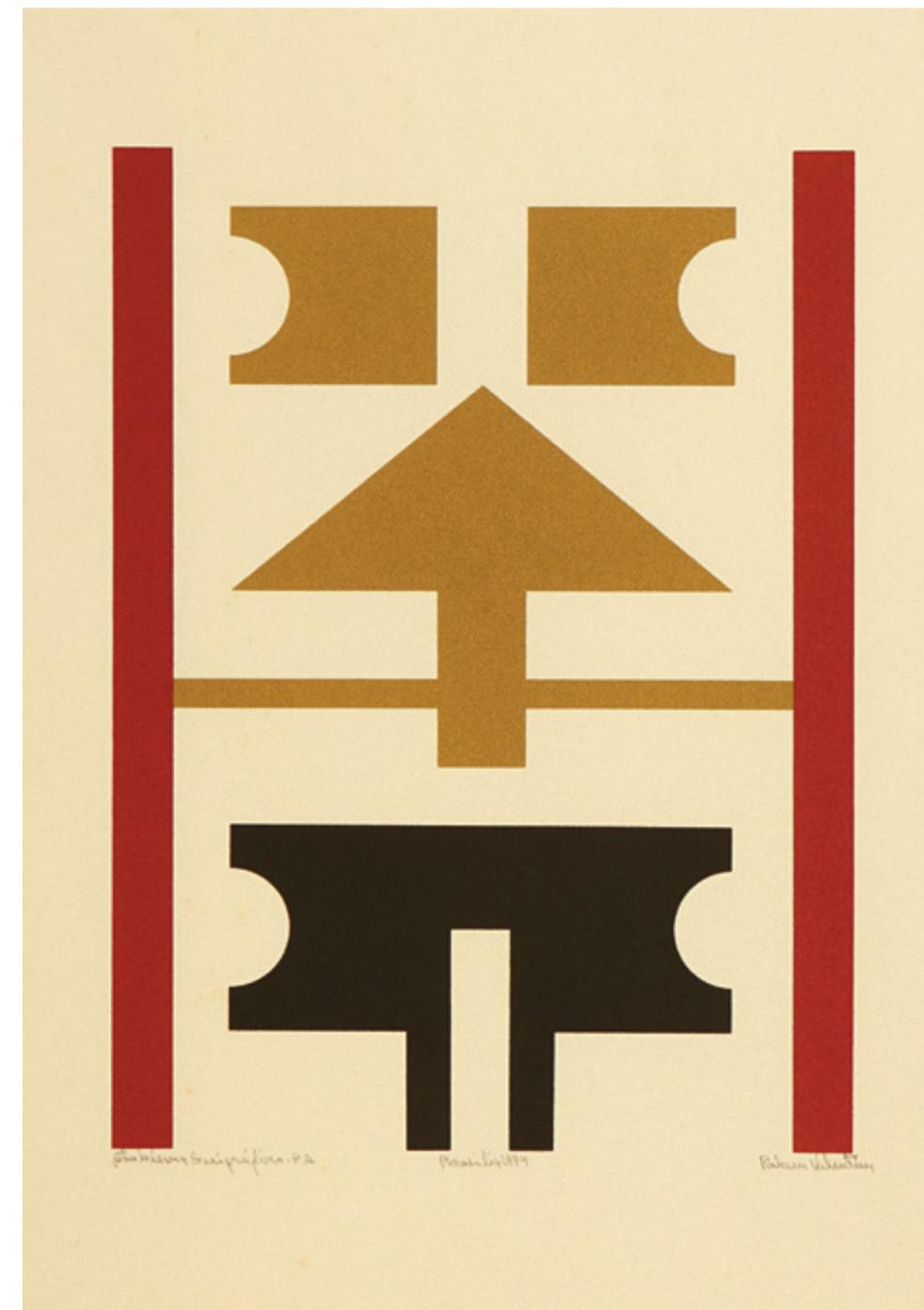
Sem título - 97/135
Serigrafia sobre papel - 100x70cm - 1989



Sem título - 14/140
Serigrafia sobre papel - 100x70cm - 1989



Emblema serigráfico – P.A.
Serigrafía sobre papel - 50x32cm - 1974



Emblema serigráfico – P.A.
Serigrafía sobre papel - 50x32cm - 1974

Emanoel Araújo

Emanoel Alves de Araújo nasceu na Bahia, em 1940. Aprende marcenaria com o mestre Eufrásio Vargas e trabalha com linotipia e composição gráfica na Imprensa Oficial, em Santo Amaro da Purificação, Bahia. Vai para Salvador e ingressa na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia - UFBA, onde estuda gravura com Henrique Oswald.

Nessa época, começa a realizar obras abstratas, compostas por formas geométricas conjugadas e aproxima-se gradualmente das vertentes construtivas, reduzindo as formas a estruturas primárias. Desenvolve trabalhos que contêm segmentos ondulados de outras gravuras, colados sobre o plano de uma gravura maior, de maneira a produzir cortes, interferências e justaposições no plano. Essas peças já apontam seu interesse pelo tridimensional. Também está interessado na reestruturação do universo da arte africana e enfatiza em suas gravuras, relevos e esculturas as formas geométricas aliadas a contrastes e cores fortes.

Emanoel Nascimento exerceu cargos em áreas culturais. Instalou e dirigiu o Museu de Arte da Bahia, em Salvador, e foi diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo – Pesp, quando foi considerado responsável pela revitalização da instituição. Também foi curador de importantes mostras ligadas à imagem e à cultura do negro e do índio no Brasil.



Sem Título - 10/13
Litogravura sobre papel | 70x105cm



Sem Título - 2/15
Litogravura sobre papel | 70x105cm

Conheça as galerias de arte da Câmara dos Deputados



Gabinete de Arte
Gabinete da Presidência | Edifício Principal



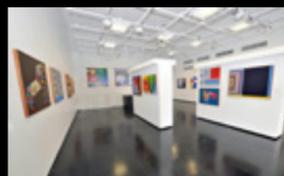
Salão de Arte
Galeria de Arte do 10º andar | Anexo IV



Exposições Históricas
Corredor de Acesso ao Plenário Ulysses Guimarães



Exposições Especiais
Salão Negro | Edifício Principal



Câmara das Artes
Galeria de Arte do Salão Nobre | Edifício Principal



Exposições Institucionais
Espaço do Servidor | Anexo II

Mesa Diretora da Câmara dos Deputados

Presidente
Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)

1º Vice-Presidente
Arlindo Chinaglia (PT-SP)

2º Vice-Presidente
Fábio Faria (PSD-RN)

1º Secretário
Márcio Bittar (PSDB-AC)

2º Secretário
Simão Sessim (PP-RJ)

3º Secretário
Maurício Quintella Lessa (PR-AL)

4º Secretário
Biffi (PT-MS)

Suplentes
Gonzaga Patriota (PSB-PE)
Wolney Queiroz (PDT-PE)
Vitor Penido (DEM-MG)
Takayama (PSC-PR)

Ouvidor Parlamentar
Nelson Marquezelli (PTB-SP)

Procurador Parlamentar
Claudio Cajado (DEM-BA)

Corregedor Parlamentar
Átila Lins (PSD/AM)

Diretor-Geral
Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida

Secretário-Geral da Mesa
Mozart Vianna de Paiva

Coordenação do Projeto
Centro Cultural Câmara dos Deputados | SECOM
Museu Nacional do Conjunto Cultural da República

Direção do Centro Cultural
Isabel Martins Flecha de Lima

Curadoria
Wagner Barja

Fotografias
Ananda Borges | Glenio Lima | Daniel Nira

Produção
Ana Frade | Flávia Jardim | Patrícia Diniz

Revisão
Odúlia Capelo

Projeto Gráfico
Ely Borges | Israel Cerqueira | Henrique Marinelli

Expografia
André Ventorim | Edson Caetano | Wendel Fontenele
Maíra Cerqueira | Paulo Titula

Revisão de textos
Odúlia Capelo

Acessoria de Imprensa
C.André Laquintinie

Impressão
Coordenação de Serviços Gráficos – CGRAF/DEAPA

Secretário de Comunicação da Câmara dos Deputados
Sérgio Chacon

Coordenação do Núcleo de Criação
Akimi Watanabe

Informações

Centro Cultural – 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados
Anexo I – Sala 1601 – Cep 70.160-900 – Brasília/DF
<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/centro-cultural>

Brasília, novembro de 2014

REALIZAÇÃO



Secretaria de
Cultura



